

REFLEXÕES SOBRE “BULLYING: MAIS SÉRIO DO QUE SE IMAGINA.”.

Gilvania Wanderley de Andrade Ribeiro¹

[PMCG/APAE/PB](#)

gil-jesuschristo@hotmail.com

O comportamento agressivo na contemporaneidade tem provocado grandes dificuldades nos relacionamentos interpessoais. A agressividade não é um fenômeno típico apenas dos dias atuais, entretanto, a regularidade de fatos em que a agressividade se constitui como vilã, os casos de *bullying*, denominação americana para indicar os casos de violência ocorridos nas escolas, envolvendo brincadeiras aparentemente inocentes, contudo, revelam de forma sutil a exclusão de crianças e adolescentes que não estão enquadrados no perfil determinado pelo grupo ou pessoa particularmente. Esse fenômeno tem sido denominado no Brasil como “bulicida”, em sua maioria sendo praticados por adolescentes calmos, tranquilos, os quais não apresentam conduta violenta, contudo sofrendo agressões, simbólicas ou físicas constantes, sem reagirem no momento em que estão sendo agredidos. Escondidos dentro de si e em seu quarto, a sós, com pensamentos de destruição e vingança, ventilam suas mentes e expõem em ação, acreditando que assim resolverão as suas dificuldades. Estes casos têm suscitado uma vasta pesquisa. Os estudos revelam que a agressividade está presente em todas as culturas, divergindo no que diz respeito aos motivos geradores da agressividade. Fatores biológicos e ambientais têm contribuído para tal comportamento. A falta de afeto, zelo e cuidado são cruciais para a formação de pessoas frustradas. Incapazes de se sentirem amadas e de expressarem amor. Nesse sentido, se faz necessário entender como as emoções contribuem para a manifestação desses comportamentos. O esboço de tais emoções pode ser focalizado em seus aspectos fisiológicos e as teorias comportamentais auxiliam na compreensão dessas manifestações. Todos esses aspectos nos revelam que as emoções são de difícil controle, sobretudo porque estão ligadas a aspectos fisiológicos, os quais não se podem controlar. Em compensação, a compreensão dos fatores desencadeadores das emoções é fundamental para o seu manejo, objetivando o equilíbrio emocional das pessoas. São inúmeros os autores que se debruçam em definir e explicar as reações que ocorrem internamente e se manifestam sob a forma de violência, praticada, no caso, no âmbito da escola, tal como descrito em “*Bullying: Mais sério do que se imagina*”, obra coletiva organizada por Pedrinho A. Guareschi e Michelle Reis da Silva, a partir da qual foram elaboradas as reflexões ora apresentadas. Artigo elaborado a época para obtenção de nota do TCC do Curso de Psicologia, revisto e aprimorado, agregando autores que debruçaram ao longo de décadas investigando a temática em tela.

Palavras chave: Bullying, Agressividade, Escola.

¹ Pedagoga, com formação em Pré-escola pela UEPB, Psicóloga Clínica pela UEPB, Mestrado inconcluso pela Faculdade de Lusófona, Especialização pela UFPB em Educação Infantil, Especialização Pela UNINASSAU em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar e, Intervenção ABA Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) pela Faculdade Metropolitana- SP. No momento estou como professora na Rede de Ensino da PMCG/PB na APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

1- INTRODUÇÃO

O comportamento agressivo na contemporaneidade tem provocado grandes dificuldades nos relacionamentos interpessoais. Nesse sentido, a escola tem sido um terreno fértil para “brincadeiras” que supostamente se apresentam como inocentes, sendo, entretanto, as suas sequelas perceptíveis no decorrer do tempo. A obra “*Bullying*: mais sério do que se imagina” surge, nesse cenário educativo problemático, como uma iniciativa relevante que abre um leque de discussões acerca da violência. Esse livro materializou-se a partir de discussões realizadas em sala-de-aula, onde foram relatados fatos que impuseram, de maneira unânime, o subtítulo da obra, “Mais sério do que se imagina”, a partir do qual foram formuladas as reflexões aqui apresentadas e que dizem respeito, basicamente, as brincadeiras que ocorrem diariamente no cotidiano da escola, entre alunos e professores, e que, em alguns momentos, a família termina incorporando valores dos dias hodiernos, uma vez que são comuns à toda sociedade.

Diante dessa violência constantemente vivenciada nas escolas por crianças e jovens, sentimos a necessidade de melhor conhecê-la. Contudo, a quase total ausência de material teórico acessível gerou uma situação impeditiva da elaboração de um trabalho monográfico. Portanto, como insinuado antes, o objeto de discussão deste ensaio que se configura como trabalho de conclusão de curso é a obra “*Bullying*: mais sério do que se imagina”, organizada por Pedrinho A. Guareschi e Michelle Reis da Silva, obra que surgiu de discussões realizadas em sala-de-aula, as quais, por sua vez, resultaram na realização de um simpósio cujo resultado mais duradouro foi a Obra em epígrafe.

Isso posto, o aprofundamento no fenômeno *bullying* é extremamente relevante, uma vez que as denúncias sobre tal comportamento se intensificaram de forma inusitada. São professores, gestores, alunos, pais que já não sabem mais como lidar com tanta violência e agressões físicas e psicológicas, disfarçadas em brincadeiras que acontecem no dia-a-dia da escola, mascarando a violência com inocência.

O termo “*Bullying*” compreende todas as formas de atitudes agressivas intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. (Construir Notícias, maio/junho/2008, p. 05). Esses atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características fundamentais para intimidação da vítima. É disso, então, que aqui trataremos.

A obra que fomentou todas as reflexões a seguir é composta por seis capítulos, seguidos de uma análise conclusiva, uma gama de materiais de apoio e por fim, os autores sugerem algumas atividades passíveis de serem desenvolvidas em sala de aula com educadores e/ou outros profissionais. As atividades elencadas seguem os conteúdos refletidos nos seis capítulos numa ordem crescente. A obra totaliza noventa e nove páginas. Em se tratando de uma obra que surgiu de discussões em sala de aula, onde os autores em destaque, Pedrinho A. Guareschi e Michelle Reis da Silva são responsáveis pela organização dessas discussões, a obra não explicita um autor específico para cada capítulo, fato compreensivo em se tratando de um registro que foi discutido e refletido coletivamente.

2- DISCUSSÃO

A obra “*Bullying: Mais sério do que se imagina*”, como referido, é uma produção coordenada por Pedrinho A. Guareschi e Michelle Reis da Silva, tendo surgido de uma discussão feita em sala -de- aula por um grupo de alunos de Psicologia Social. Diante de relatos estarrecedores sobre a violência ocorrida no interior das escolas, os autores foram sensibilizados a ampliar as discussões acerca do tema, principalmente porque têm consciência da função primordial da universidade, a qual deve ser a consciência da sociedade, sendo, portanto, sua matéria primeira à sociedade e o mundo. Segundo os autores, o livro se constitui, então, como uma prestação de serviço à sociedade.

A obra retrata o fenômeno com profundidade e traz à tona situações comuns à maioria das pessoas, sejam-nas como vítimas, agressores ou simplesmente como expectadores. Apresenta também as origens de tais atitudes que surgem no bojo do contexto cultural, propondo ações que venham solucionar tal problema, demonstrando o necessário interesse pelo psicossocial e pedagógico e também se propondo a colaborar na transformação de um conteúdo acadêmico em algo acessível à população, isto é, resolve devolver-lhe o que lhe é de direito, uma vez que a academia precisa verificar a validade dos conhecimentos construídos e isso só é possível com o apoio da sociedade.

Paulo Freire, grande educador brasileiro, inspirou a referida obra e os autores exemplificam esse fato transcrevendo algumas citações do educador que, segundo eles, é essencial em qualquer programa pedagógico. Um exemplo disso: “*Ninguém ensina nada*

a ninguém: deixamos um pedaço de nós mesmos com as pessoas com quem estamos em contato”. – Paulo Freire, citado pelo referidos autores.

A obra “*Bullying: Mais sério do que de imagina*” apresenta as discussões estruturadas em seis capítulos. O primeiro que se intitula “Onde tudo começa: conceito e história”, sem autoria definida, já que se trata de debates a respeito do fenômeno, abre com uma discussão acerca da importância do tema, ressaltando a origem da palavra e apresenta como objetivo a contextualização da problemática da violência escolar, apontando que essa excede as práticas escolares e abrangem inúmeros outros aspectos, tais como, os sociais, culturais e psicossociais presentes no seio da sociedade.

O *bullying*, tal como é entendido na contemporaneidade, não é, porém, diferente das práticas sociais vislumbradas nos tempos de outrora e que hoje ocorre mundialmente. A preocupação para com isso por parte da sociedade ampliou-se pela incidência de casos de agressão, não só nas escolas, mas em outros setores sociais. A Suécia foi o pioneiro na mobilização que logo se estendeu para outros países escandinavos. Na Noruega, o *bullying* já é discutido nos meios de comunicação. Em 1983, o Ministério da Educação da Noruega realizou uma campanha nacional sobre os problemas existentes entre agressores e vítimas. O governo norueguês, na época, reduziu em 50% os casos de *bullying* nas escolas e, devido a isso, outros países foram influenciados e também se engajaram numa campanha nacional de combate ao *bullying*. Entre eles, o Reino Unido, Canadá e Portugal. Os Estados Unidos também considera o *bullying* uma questão relevante, sobretudo porque essa prática cresce consideravelmente nas escolas americanas. No Brasil, as discussões ainda são preliminares, apesar do *bullying* também estar bastante presente nas práticas educativas.

O *bullying* deriva da palavra inglesa *bully* (substantivo) que significa “valentão”, “tirano” e, como verbo, quer dizer “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”. Portanto, podemos então, caracterizar como *bullying* as formas intencionais e repetidas da violência, adotadas sem motivação evidente, direcionadas a terceiros. Denomina-se, pois, como tal, qualquer forma de atitude agressiva realizada dentro de uma relação desigual de poder que torna a vítima de fácil intimidação. Assim, o *bullying* é caracterizado pelo ato de colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, sacanear, humilhar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, amedrontar, dominar, ferir, roubar e se manifesta de quatro formas diferentes: verbalmente, fisicamente, psicologicamente e pelo *cyberbullying*.

Atitudes como colocar apelidos em alguém, ofender, humilhar, insultar, ameaçar ou acusar pessoas de que não servem para nada caracterizam uma forma **verbal de bullying**, na qual os autores agridem a vítima através de palavra e, principalmente, apelidos maldosos. (p.51).

A **violência física**, segundo os autores, se refere a ataques físicos repetidos contra uma mesma pessoa (seja contra o seu corpo ou algo que lhe pertença), agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences, são exemplos de atitudes violentas. (p.51). Essas atitudes além das consequências psicológicas podem causar ferimentos graves à vítima.

O **bullying** também é praticado através de comportamentos maldosos contra uma mesma pessoa. Discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, danificar objetos pessoais, espalhar rumores e fofocas, fazer chantagem, comentários depreciativos sobre a família da vítima, o local de moradia ou de proveniência, aparência pessoal, orientação sexual, religião, raça, nível de renda, nacionalidade etc. (p. 52). Essa violência afeta a vítima em suas relações consigo e com os outros, comprometendo-a **psicologicamente**.

Os três tipos de práticas do **bullying** podem ocorrer de maneiras combinadas, isto é, uma mesma pessoa pode ser vítima de agressão **verbal, física e psicológica** ao mesmo tempo. As consequências dessas pseudos brincadeiras perduram por toda a vida das pessoas que sofrem essas práticas violentas. Sozinhas, a superação é praticamente impossível. A obra descreve várias situações de práticas de **bullying** com alunos infanto-juvenis que mesmos mudando de escola, as agressões permaneciam.

O **cyberbullying** é um tipo de **bullying** mais atual e sofisticado. Esta é uma prática de violência que utiliza a internet e outras tecnologias de comunicação para humilhar, desprezar, ridicularizar, intimidar, excluir, ameaçar etc. outras pessoas (p.53). Ele reúne todas as ações discriminatórias capazes de excluir do grupo social, oprimindo, intimidando e machucando, de forma sutil, dissimuladamente e de forma mascarada. A violência virtual, que pode parecer inofensiva, é capaz de gerar os mesmos tipos de consequências que outras formas de bullying. “A diferença dessa última prática de difamação parece garantir impunidade e anonimato, visto que, devido a seu desconhecimento ou por ser mais recente, poucas pessoas recorrem à justiça. (FANTE, 2005). São torpedos enviados para o celular da vítima pela WEB sem nenhuma identificação, provocando desconforto, medo e insegurança. O Jornal Inglês The Epoch

Times (2007) registra que as investidas se dão principalmente através do celular, já que 96% dos estudantes o possuem. E segue tecendo comentários sobre jovens estudantes no Japão que se comportam como gangues, escolhem suas vítimas e molestam-nas de todos os modos. Fotografam-nas e passam a foto aos colegas, pedindo que a agridam e a ofendam. As mensagens são diversas, desde ofensas pessoais, até sugestões fortes e insinuantes de que o melhor caminho é o suicídio. (p. 53).

As relações desenvolvidas na escola, instituição considerada como um importante agente socializador, pode torna-se um campo inimigo para os alunos. Um exemplo de como a escola pode se tornar um campo fértil para essas atitudes inconsequentes e que trazem malefícios para após muros da instituição, é citado na obra em discussão:

Uma estudante de direito narra como foi vítima dessa prática. Ela era discriminada na escola, sendo chamada de baleia, monstro do mar, entre outros apelidos. Esta discriminação continuou através da internet, na qual ela sofreu ameaças contra sua integridade física e também contra seu patrimônio (GLOBO, 2007).

O *bullying* é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, seja ela primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. A principal dificuldade no combate ao *bullying* recai sobre as escolas, que não admitem a ocorrência de tal conduta entre seus alunos, embora ocasionalmente desconheça o problema ou se negando a enfrenta-lo.

O envolvimento com o *bullying* por parte dos alunos ocorre de diversas maneiras, isto é, diverge nos papéis representados. Existem os alunos que sofrem o *bullying*, estes são considerados os alvos; existem aqueles que simultaneamente são alvos e autores; existem ainda um terceiro e um quarto grupos que são, respectivamente, os autores, que são aqueles que só praticam, e os que não praticam nem sofrem o *bullying*, entretanto convivem em um ambiente onde isso ocorre, sendo apenas expectadores de sua prática.

O *bullying* pode desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. As crianças vitimizadas deste desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e, na grande maioria, evitam retornar à escola quando esta não toma nenhuma atitude de combate à violência ocorrida ou em defesa da vítima.

Segundo Beaudoin e Taylor (2006), citados por Guareschi (2008), o fenômeno surge em culturas que incorporam pressupostos de que os meninos precisam ser fortes e

demonstrar força. Nesse sentido, percebe-se que os discursos culturais e as experiências são decisivos na modelagem do indivíduo e reduz ou amplia seu campo de opções.

A partir do contexto cultural, segundo Guareschi (2008), é possível investigar as possíveis crenças e cosmovisões que estimulam o *bullying* e a violência. Entre elas se destacam: o patriarcado, o individualismo, o adultismo, o capitalismo e as discriminações em geral. Os valores apresentados pelo patriarcado incentivam nos meninos a força e a independência, aniquilando os sentimentos, fazendo com que o indivíduo aja como um protetor. Em relação às meninas, devem ser delicadas, boas cuidadoras, aflorando sempre mais suas emoções, transformando-se em cuidadoras.

A sociedade liberal incentiva os sujeitos a pensarem apenas em si, cultivando o individualismo. A realização pessoal está em primeiro lugar, desvalorizando-se o vínculo com outra pessoa. O adultismo, por sua vez, é a crença de que apenas os adultos têm o direito de decidir e agir em detrimento das crianças e adolescentes que só devem ouvir e obedecer. Por seu turno, o sistema capitalista explicita a competição e a busca compulsiva da superação do outro. Portanto, criam na sociedade dois grupos de pessoas: as que têm sucesso e as perdedoras. Por fim, as discriminações, em geral, ocorrem mediante a intolerância à diferença. As questões etnocêntricas marcam o comportamento de um grupo que se elege superior, combatendo maciçamente todos aqueles que fogem aos padrões pré-estabelecidos por ele.

Vale salientar, o ambiente escolar é construído pelos pressupostos que permeiam a cultura de uma sociedade. Portanto, as relações experienciadas nesse contexto, refletem as relações no interior da escola e, dessa forma, no currículo da escola estão presentes comportamentos que favorecem a hierarquia, a competição, o individualismo, a violência e, por conseguinte, o *bullying*. A maneira de avaliar o desempenho das tarefas, as recompensas, ou punições instituídas e as próprias hierarquias de poder, estimulam a criação de microcosmos, isto é, cada um constrói o seu mundo e quanto mais forte for à muralha invisível que separa o sujeito do outro, melhor. Aqueles que tiram as melhores notas e que absorvem mais conteúdos ocupam uma posição de destaque. Existe outra parcela que se constitui de supostos fracassados, de notas baixas, que não conseguem superar as diversas situações de dificuldades que estão presentes no seu contexto familiar, pessoal e social. Facilmente se vê, na instituição escolar, o aluno sendo constantemente estimulado a competir e se adequar aos padrões pré-estabelecidos que reflita o modelo competitivo das empresas capitalistas.

O segundo capítulo, “Relações: matéria-prima do processo educativo”, sem autoria definida, retrata a essência da escola como voltada para a dinâmica das relações e não para materialidade física da instituição, nem para o quantitativo de pessoas que a compõem.

Dito de outra forma, as diferentes relações travadas no interior de uma instituição educativa refletem o que ela realmente é. O grupo se constitui a partir dessas relações e este muda quando essas relações se transformam.

Para tanto, no capítulo dois, os autores buscam discutir o conceito de relação como parte essencial para a construção de um grupo, enfocando no primeiro ponto o conceito de relação, relação como constituinte de um grupo, relação e mudança, relação e ética e, por fim, discute o sistema capitalista e, as práticas do *bullying*.

Inicialmente se discute o conceito de relação não como uma troca, mas como uma perspectiva de singularidade. Uma coisa só pode se constituir numa relação.

Guareschi (2008) percebe a relação na ótica de um ordenamento, um direcionamento intrínseco, isto é, do próprio ser, em direção a outro ser. Reforçando ainda mais quando expressa que necessariamente, numa relação, não precisa existir duas coisas, “*basta apenas que uma contenha em si, em sua definição, a necessidade, a orientação intrínseca em direção a outro(s)*”. (p.25). Exemplos citados pelos autores: o conflito se constitui como uma relação do mesmo modo que a rejeição e a exclusão.

A relação e o grupo se definem, nesse contexto, sendo que, o que constitui o grupo é a existência, ou não, das relações entre as pessoas, os membros, os possíveis componentes de um grupo. Para tanto, é necessário que os “membros do grupo tenham algo em comum e esse comum é exatamente o substrato do grupo, é o que cada componente coloca de seu, nesse grupo; e essa realidade, esse ingrediente, que cada pessoa deixa para a constituição de um grupo é a relação” (GUARESCHI, 2008, p. 27). Portanto, o que constitui o grupo e o faz existir são as relações e são elas que identificam o grupo.

No tocante à relação e à mudança do grupo, percebe-se que ele se transforma quando as relações dos componentes se modificam independentemente de quem são as pessoas que o constitui. A substituição de um membro do grupo não necessariamente implicará numa mudança, mas as relações travadas no grupo deverão ser discutidas para melhoramento das relações no grupo.

O autor enfatiza a ética como um ato relacional e só existe atrelada ao termo relação, pois somente nesses termos é que se pode explicar o adjetivo ético. Enfatiza ainda que “é a relação que estabelecemos com os outros que nos diz se somos éticos ou não. Somos singulares, mas para sermos éticos, outras realidades estão implicadas.” (GUARESCHI, 2008, p.29). Finalizando a discussão sobre o conceito de relação, os autores lançam mão da análise do sistema capitalista e as práticas de *bullying*.

O sistema capitalista é extremamente excludente e as relações de dominação e exploração são fortemente percebidas nesse cenário, uma vez que os meios de produção, no que dizem respeito ao acúmulo de capital e poder, estão centralizados nas mãos de poucos, em detrimento da maioria, que é submetida a todo o tipo de manipulação e exploração. O liberalismo levanta a bandeira do individualismo e a competitividade funciona como alavanca para o progresso. Uma vez que, sem competição, supõe-se, não existir progresso. No mundo capitalista vive-se uma contínua guerra pela sobrevivência, onde os mais fortes se mantêm à frente, sendo a minoria. A maioria é excluída. São os filhos deserdados, à margem da sociedade. Nesses a revolta lhes vem à tona, acompanhada do desejo de vingança que se materializa no confronto contínuo que atinge diretamente as relações com os outros sujeitos. Atentar para a postura do educador, nesse contexto, é impreterivelmente necessário e urgente, sobretudo porque contribuímos para minorar ou atenuar os comportamentos anti-sociais através de nossa prática.

No terceiro capítulo, os autores, trazem para nossa reflexão “O *Bullying* das Práticas Pedagógicas”. Nesse enfoque, a temática recai sobre as questões que se estabelecem nas práticas educativas, no tocante às diferentes teorias da aprendizagem que se apresentam, imbuídas de relações de dominação e violência.

Mais uma vez as idéias de Paulo Freire são veiculadas e enfatizadas no sentido de priorizar as relações presentes no cotidiano da escola, as quais refletem a pedagogia e a didática adotada pela Instituição Educativa que de acordo com os primeiros pensadores da educação, com ênfase em Durkheim, tinha o papel de adaptar as pessoas aos valores dominantes e hegemônicos. Entretanto, na visão dos autores do capítulo, sua real função era voltada para questões valorativas, éticas e política. Assim a prática pedagógica, longe de observar as questões citadas anteriormente, reforça uma relação autoritária, onde a violência simbólica se percebe de imediato, quando, nessa relação, se presencia constantemente relações de opressão que não se distanciam do *bullying* especificamente. Dessa forma, para que a educação prevaleça é necessário reproduzir as relações

econômicas de produção, isto é, segundo Durkheim, adaptar os membros às normas, leis, valores, tradições, práticas, ideologias e rituais da sociedade em destaque. A reprodução do modelo social implica também no modelo material, isto é, os meios de produção se constituem como um parâmetro para todos os sujeitos da sociedade.

Nos dias hodiernos, essa prática ainda ocorre, mesmo que de forma implícita, escamoteada por práticas aparentemente construtivistas, quando o que se pretende é uma adaptação dos indivíduos aos novos anseios da sociedade. Preparamos os sujeitos não para serem felizes, apenas os incentivamos a se fortalecerem, se qualificarem no intuito de que possam competir mais bem qualificados.

Os autores criticam essa ação educativa onde a adaptação e o ajustamento se configuram como o centro de todo o processo educativo. Enfatizam que a função da educação deveria conter a formação de seres humanos conscientes, livres e responsáveis, objetivando a constituição de uma sociedade onde os valores são evidenciados e prioritários na política.

Em suas organizações, os autores evidenciam duas matrizes pedagógicas e as denominam de matriz comportamental e matriz dialogal. Na matriz comportamental, o modelo apresentado se apoia em práticas lineares e verticais realizadas através de estímulos. Na matriz dialogal, o enfoque central consiste em estabelecer uma comunicação entre iguais.

A aprendizagem na matriz comportamental acontece através de estímulos. Os conteúdos são absorvidos através da imitação e da repetição. O aluno, nessa perspectiva, não precisa pensar, decidir, planejar; tão somente executar conforme os paradigmas apresentados. Aqueles indivíduos que tiverem condições de aprender aprenderão. Assim sendo, as pessoas são vistas como meros objetos de aprendizagem, treinadas para atenderem de maneira dócil aos apelos da sociedade. A homogeneização é perseguida pelos educadores que são os principais personagens do processo educativo, uma vez que as turmas de alunos são formadas por sujeitos semelhantes e uniformes, contradizendo a realidade da sala que é formada pela pluralidade de sujeitos.

A matriz dialogal, por outro lado, evidencia a relação entre professor e aluno sem distanciamento. O aluno participa ativamente da construção de seu saber, uma vez que não existe saber mais ou menos. Paulo Freire assim afirma: *“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferente. Não há um saber melhor ou pior: Cada saber responde às*

contradições entre o sujeito, os outros e o mundo”. Ou seja, o sujeito, a partir das experiências com os outros, constrói um referencial representacional, singular; que se forma na interação sujeito-outro-mundo. A relação existente entre educador e educando, é marcada pelo diálogo, isto é, aluno e professor se encontram lado a lado. O diálogo, por sua vez, exige respeito total ao mundo do outro. A concepção do professor, no tocante ao erro, evidencia ou não a prática do *bullying*. Quando este encara o erro como parte do processo, propicia o desenvolvimento do aluno de forma integral e ele se sente seguro para o enfrentamento de novas possibilidades. O professor questiona e o aluno, munido do seu referencial representacional, aponta inúmeras respostas que são refletidas conjuntamente através do diálogo.

A atitude contrária ao que foi descrito acima, onde o erro retrata necessariamente uma falha do aluno e a atitude do professor é de imediato apontar o erro, enfatizando que o aluno não sabe, contribui para a formação de indivíduos que se consideram incapazes, servis. Essa relação dominadora é caracterizada como *bullying*, pois manifesta uma atitude desrespeitosa e autoritária por parte de quem detém o saber – o professor-. Diferentemente da matriz comportamental, onde se exige a mera imitação e repetição de fatos, na matriz dialogal o educador elabora e realiza perguntas com o objetivo de levar o aluno a refletir sobre os fatos apresentados, oportunizando-o a experimentar um desequilíbrio saudável, pois permite ao aluno traçar seus próprios caminhos de forma autônoma e independente. Essa prática se remete a outras esferas da sociedade, sobretudo porque o aluno é considerado como capaz e como o principal responsável pela construção dos caminhos a serem percorridos.

O quarto capítulo do livro “*Bullying: Mais sério do que se imagina*”, intitulado “Tipos de *Bullying*, contextos e exemplos” adentra diretamente no tema em destaque, quando se propõe a discutir os tipos de *bullying* através de exemplos vivenciados por crianças e jovens no contexto educacional.

Os autores iniciam o capítulo caracterizando o *bullying* e afirmam que este é marcado por “*comportamentos violentos, repetitivos e premeditados contra uma mesma pessoa e pode ser praticado de diversas maneiras e através de diferentes meios.*” (P.48) O *bullying* se manifesta de forma violenta e visível, bem como pode ocorrer de forma simbólica, sutil, de forma quase imperceptível, quando, entretanto, os danos causados trazem consequências tão desastrosas ou até maiores que a violência física.

Os autores (p. 48) citando Lopes (2005), apontam o conceito de *bullying* como um “fenômeno caracterizado por manifestações de atitudes agressivas e repetitivas, sem um motivo evidente e numa relação desigual de poder contra uma ou mais pessoas, resultando em angústia e dor para a vítima”. (LOPES NETO, 2005). A vítima se apresenta numa posição inferior aos seus agressores, sendo esse o motivo que possibilita a desigualdade de poder: uma estatura menor, não saber se defender, ter menor força, exibir algum traço físico ou psicológico que suscite motivo de risos, e seja causa de preconceito. Neste sentido, o *bullying* se manifesta por insultos, gozações, intimidações, apelidos cruéis e acusações injustas, além de danos físicos, morais e materiais.

O que diferencia o *bullying* da violência, segundo Carvalho (2005), é o fato de ele ser “sustentado pela relação desigual de poder, que, no caso da escola, ocorre principalmente entre os alunos.” As relações interpessoais na escola, desde os seus primórdios, são marcadas por atitudes repetitivas e violentas entre os alunos, professores e profissionais que compõem a instituição escolar. O ineditismo está na expressão *bullying* e não nos atos violentos praticados nas escolas, embora, na contemporaneidade, a violência tenha se alargado de forma substancial. A cada lugar, independentemente de classe social, onde seres humanos se agrupam, ela está presente e ganha força a cada dia que se passa, e o que a sociedade precisa, urgentemente, é não considerá-la como um fenômeno natural e, sim, como algo que merece uma atenção especial e estratégias de combate, necessariamente tem que ser pensadas. Esse termo violência é abrangente, por vezes generalista, para significá-lo, o contexto social, econômico e cultural onde ocorre a violência deverá ser observado.

Segundo os autores, pessoas que apresentam comportamentos agressivos antes da puberdade tendem a se tornar adultos violentos. Esses comportamentos agressivos refletem o resultado da interação entre o desenvolvimento pessoal do jovem e os contextos sociais em que ele está inserido, como a família, a escola e a comunidade.

Por outro lado, a escola já não é um ambiente seguro, pois absorve a violência externa e a expressa no seu cotidiano. A escola, nos dias atuais, já não é mais recanto de paz, segurança, local onde a educação, o respeito e a solidariedade acontecem, sobretudo porque ela “nega a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito.” (SPOSITO, 1998).

A presença do fenômeno *bullying* nas escolas independentemente de públicas ou privadas, é claramente identificada e, de acordo com Fante (2005), a escola apresenta um

clima muito tenso, de medo e de perplexidade por parte das vítimas, bem como dos expectadores que terminam se envolvendo nessa prática social sem saber o que fazer.

Os autores, em seguida, relacionam a violência ao comportamento do *bullying* no tocante às relações de autoridade travadas no interior da escola. Essas relações refletem a violência, o sofrimento e a dor. Essa violência “*nega a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito*”. (SPOSITO, 1998).

Os tipos de *bullying* são evidenciados neste capítulo, sendo inicialmente apontados, no sentido restrito, para designar os atos violentos, perversos que ocorrem no ambiente escolar e se materializam através de humilhações constantes aplicadas a crianças e adolescentes. Entretanto, os autores alertam que eles se referem a este fenômeno como um conjunto de atitudes e situações que caracterizam um problema social mais amplo.

O *bullying* é classificado como direto e indireto. Ambos são prejudiciais à vítima. No *bullying* direto, as vítimas são agredidas diretamente por práticas imediatas. Este tipo ocorre mais entre os meninos. As práticas do *bullying* que ocorrem de forma indireta se manifestam na ausência da vítima e é praticada pelas meninas, quando os seus autores criam situações de divisão, discórdia, fofoca com a intenção de exclusão do grupo social da vítima.

Além dessa classificação, é possível subdividir o *bullying* em verbal que se caracteriza em atitudes como colocar apelidos em alguém, ofender, humilhar, insultar e ameaçar, isto é, a agressão é materializada através de palavras e, principalmente, apelidos maldosos. Outra forma de *bullying* ocorre através da violência física. Agredir, bater, chutar, empurrar, roubar e quebrar pertences são exemplos de atitudes violentas.

Discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, tyrannizar entre outras atitudes, são considerados comportamentos maldosos e fazem parte do fenômeno em destaque. Essas atitudes impossibilitam que a vítima desenvolva amizades por temer más situações.

Ainda existem os três tipos de práticas de *bullying* combinadas, ou seja, a vítima sofre os três tipos de agressões: verbal, física e de comportamentos maldosos.

Por fim, existe um tipo de *bullying*, mais atual e sofisticado, o *cyberbullying*. Essa prática ocorre através da internet e outras tecnologias de comunicação e se caracteriza

através de humilhações, desprezo, ridicularizações, intimidação, exclusões e ameaças. A violência virtual é tão nociva quanto às apresentadas anteriormente.

O *bullying* se apresenta de diversas formas. Para que o *bullying* ocorra, é necessário que exista uma vítima que é o alvo das agressões e da violência e também o autor, que é quem pratica o *bullying* através de atos, em geral repetidos e constantes contra uma mesma pessoa.

As vítimas, ou os alvos do *bullying* são os prejudicados que sofrem as consequências do comportamento agressivo das outras pessoas. Ao sofrer os danos do *bullying*, as vítimas pioram seu desempenho escolar, recusa a ir à escola, simulam doenças, trocam de colégio ou abandonam os estudos podendo até entrar em depressão.

Os autores, ou agressores, são pessoas que expressam pouca empatia. Os jovens que enveredam por esses caminhos são oriundos de famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Os autores do *bullying* apresentam características em comum como: impulsividade, falta de controle de sentimentos de intolerância, baixa resistência a frustrações e ideia de superioridade perante os outros. O desempenho escolar dos agressores pode ser normal, ou até mesmo estar acima da média, mas, conforme pesquisas, tende a piorar ao longo dos anos. Na vida adulta, apresentam, na maioria das vezes, comportamentos antissociais e ou violentos.

Os expectadores ou testemunhas são pessoas que não sofrem e nem praticam o *bullying*, mas convivem em um ambiente onde essa prática se faz presente e optam em calar com medo de se tornarem as próximas vítimas.

A cultura e o contexto são determinantes na forma pela qual lidamos com problemas e pessoas. Os desafios do cotidiano, as buscas das soluções para estes desafios influenciam na maneira pela qual lidamos com as questões corriqueiras sejam através de comportamentos violentos ou não.

O agressor deve também receber atenção antes de se pensar em punições. Assim como a vítima, o agressor, muitas vezes, também sofre e sente-se infeliz por não conseguir agir de maneira diferente da que sempre age. A escola deve proporcionar uma escuta que não rotule os alunos e os profissionais devem observar e atentar para todos os agentes envolvidos no *bullying*. (BEAUDOIN E TAYLOR, 2006).

O fenômeno *bullying* não apenas ocorre nas escolas, mas pode acontecer em qualquer outro ambiente em que ocorram relações entre pessoas. (GUIMARÃES E RIMOLI, 2006).

O assédio moral, ou mobbing pode ser diferenciado através de seus subtipos, tais como: Ascendente, horizontal, descendente. O mobbing, além de trazer perdas individuais, traz perdas para as organizações, pois quem é vítima deste assédio moral acaba apresentando baixa produtividade, alto absenteísmo, alta rotatividade, desestabilização na organização de suas tarefas e às vezes, desistência do seu emprego.

Finalizando, Pedrinho Guareschi e colaboradores apontam no quinto capítulo “As Consequências da Prática de *Bullying*” enaltecendo a escola como instituição educativa capaz de propiciar um vasto universo de simbolizações, promovendo a constituição da subjetividade e a construção de identidades, além do processo educacional formal. O objetivo seria contribuir para a consolidação de uma vida melhor, mas nem sempre esse é o caso. (ABRAMOVAY, 2003).

A escola deve atentar para a construção de um ambiente escolar que seja capaz de proporcionar um desenvolvimento que abranja todos os níveis da constituição humana. Contudo, o que se percebe nos dias atuais, é que a escola se apresenta de forma contrária ao que se espera dela. A incidência do *Bullying* tem afetado constantemente a escola e, a sua aparência se distancia e muito, deste ambiente propício de crescimento, de afeto, de relações favoráveis ao bom desenvolvimento humano. Os atos violentos envolvem a todos que fazem parte das escolas e das instituições. O *bullying* eletrônico está presente nestes ambientes e é tão nocivo quanto os demais, apesar de não necessitar do contato direto entre os indivíduos envolvidos.

A vítima, agente que sofre o *bullying*, sofre consequências não só no aspecto do desenvolvimento social, interferindo também no desenvolvimento emocional e comportamental, sobretudo porque modificam o comportamento e o pensamento, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, agressividade, impulsividade, hiperatividade e até abuso de substâncias químicas.

Os efeitos emocionais são inúmeros como é o caso da baixa autoestima e menos valia, de inadequação, de exclusão, assim como ansiedade e depressão (DEBARBIEUX E BLAYA, 2002). Além disso, a vítima pode desenvolver transtornos mentais e

psicopatologias graves e, em casos extremos, tentativa ou consumação do suicídio, assim como o homicídio do (s) agressor (es).

O indivíduo vítima do *bullying* também pode apresentar prejuízos no desenvolvimento físico, podendo apresentar queixas físicas e o desenvolvimento de sintomatologias e doenças psicossomáticas como enurese (eliminação involuntária de urina), taquicardia, sudorese, insônia e cefaleia (FANTE, 2005).

O agressor não se adapta aos objetivos escolares e internaliza uma supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, podendo desenvolver habilidades para futuras condutas delituosas, como uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos e a crença de que deve levar vantagem em tudo.

(FANTE, 2005)

O agressor, em sua maioria, aprendeu no seio familiar a ser agressivo uma vez que a agressividade era inerente as relações familiares, servindo como modelo de referência na família os sentimentos de medo ou ansiedade vivenciados pelo indivíduo, levando-o a usar a agressão e a violência como formas de defesa. As pesquisas apontam que os praticantes do *bullying* nas escolas, são adultos que cometem delitos e crimes e ainda, apontam a família como a principal instituição de aprendizagem da intolerância ao diferente. Os autores concluem que, tanto vítima quanto agressor sofre da mesma forma, pois ambos na vida adulta apresentam dificuldades de relacionamento no trabalho, na família e no âmbito social.

As testemunhas do *bullying* também sofrem ao presenciar determinados atos de violência uma vez que se apoia o agressor, se torna cúmplice e, se apoiar a vítima poderá ser o alvo dos agressores e se permanecem em silêncio, se sentem culpadas. “*O conflito vivenciado pelas testemunhas do bullying, promovem sentimento de tristeza, raiva, culpa e vergonha*”. (FRIED E FRIED, 1996, apud Lawrence e Adams, 2006).

Diante do exposto, se faz necessário refletir sobre as consequências avassaladoras deste fenômeno tão presente nas instituições escolares. Saber a forma como afeta cada indivíduo envolvido serve para ponderar acerca da disseminação de consequências, que não se findam apenas no momento e no âmbito escolar e que podem ser carregados pelos indivíduos por toda a vida. (p. 74). Os autores finalizam este capítulo citando casos reais de crianças e jovens que foram vítimas do *bullying* e ressaltam que o objetivo de trazê-los é sensibilizar e alertar para o combate imediato da prática de *bullying*.

O último capítulo, intitulado “Como prevenir as práticas de *bullying*”, os autores nos alertam da necessidade da implementação de medidas urgentes de combate ao *bullying*. É urgente se propor uma educação de paz e não de violência. Nesse sentido, a instituição educativa deverá estimular para que todos os autores que compõem o cenário escolar reflitam sobre as práticas de *bullying* e num esforço coletivo, tracem estratégias de combate. Nesse intento, a elaboração de projetos que visem à prevenção dessas práticas é uma iniciativa relevante, sobretudo, porque as práticas pedagógicas refletem as relações mantidas entre professores e alunos e estas relações são cruciais no combate a violência e as práticas do *bullying* nas escolas. Essa mudança na postura do educador não é uma tarefa fácil, pois abrir mão de uma posição de destaque como os únicos detentores do saber, cristalizados, insensíveis ao que ocorre ao seu redor, é no mínimo se dispor a ser descoberto na sua fragilidade. Abrem-se as janelas da insegurança, do medo de ser descoberto como alguém incompleto. A competência técnica por si só, não é suficiente para ser considerado um educador conceituado. Esse conceito perpassa pelas relações, pela forma que se enfrenta os conflitos no cotidiano da escola. Vemos, com isso, a importância das relações nas práticas pedagógicas uma vez que são passíveis de produção e reprodução de *bullying*. Segundo os autores, a tomada de consciência dessas relações é uma questão prioritária se quisermos caminhar para a superação das práticas de *bullying*. (p. 76). O reconhecimento por partes dos professores que as práticas pedagógicas podem originar o *bullying* é o primeiro passo para se pensar em ações de combate a todo tipo de violência manifestada na escola.

Essa é, talvez, a questão mais difícil, pois não é simples arrancar da mente, do coração, das palavras e ações, os pressupostos de uma pedagogia vertical, com imposição de saberes. Cremos que se deve ter coragem e ousadia para provocar discussões com os educadores que ponham em pauta essa realidade. Aqui, mais do que apelar para a razão, deve-se, talvez, partir para procedimentos indiretos, como sugerir que os alunos reproduzam, em forma de dramatizações (sociodramas, psicodramas etc.), a maneira como são dadas as aulas e como eles percebem o papel e o tipo de relações que os professores costumam exercer costumeiramente. (p.76)

A instituição escolar vem enfrentando inúmeras dificuldades no tocante a problemas internos, de gestão e também de fatores externos, como o desemprego, a pobreza, a exclusão social e o tráfico de drogas, entre outros, em seu cotidiano. Esses fatos têm impulsionado a realização de diagnósticos e pesquisas sobre as violências nas escolas. Isso se deve, de um lado, à peculiaridade e ao caráter inovador da problemática e, de outro, a dificuldade de enfrentar as diversas modalidades que a violência assume no âmbito escolar, variando de intensidade, magnitude, duração e gravidade. Considera-se que existem diferentes modalidades de violência (CHARLOT, 1997; DEBARBIEUX, 1996). Nessa perspectiva, é importante estar atento para não criminalizar comportamentos comuns e não desconsiderar as vítimas e as microviolências dentro da dinâmica do fenômeno. Portanto, a escola deverá atentar para essas dificuldades e promover debates com toda a comunidade em vista a busca de soluções para essas dificuldades.

A escola deve priorizar a conscientização geral de seus alunos e estimulá-los a participarem ativamente em projetos *antibullying*. Os educadores devem sugerir e incentivar os alunos a participarem de intervenções que promovam a supressão de atos que caracterizam o *bullying* para, desse modo, mostrar aos autores que eles não terão seu apoio, nem a sua omissão. (p. 77)

A escola deverá promover rodas de conversas sobre a temática, atentando para a fala dos educandos. Os valores individuais e coletivos, as diferenças culturais devem permear esses debates com vistas à aceitação do outro como ele é. As questões etnocêntricas devem ser questionadas e as diferentes culturas devem ser veiculadas para que se propicie um ambiente favorável de troca de informações. A convivência com pessoas diferentes onde se compartilha sofrimentos, dores, virtudes tende a fortalecer as relações implicando numa convivência mais saudável.

Essas relações, onde a fala do outro é importante para mim, perpassa também o seio familiar, pois a família é uma instituição que se destaca no que tange à influência na conduta da criança tanto como possível vítima de *bullying*, quanto como agressora. Em sua maioria, a família é a principal responsável pelas atitudes de submissão, ou de agressão, adotadas pelas crianças. O exemplo é mais forte do que os conselhos, isto é, não adianta admoestar os filhos proibindo determinadas atitudes se os pais as executam no seu cotidiano. “*Pais permissivos, ou demasiadamente protetores, acabam por alimentar atitudes ilustradoras de bullying* (MUNDO JOVEM, 2006). Promover o diálogo e a atenção aos conflitos inerentes aos filhos abre-se o leque de possibilidades e a

probabilidade de acertos no tocante, a filhos mais saudáveis, é ampliada. “*Atenção e afetividade, em dose certa contribuem para um desenvolvimento psíquico saudável.*” (GUARESCHI, 2008). A imposição de limites é relevante para o desenvolvimento mais saudável dos indivíduos. Atentar para essa premissa é uma atitude inteligente e responsável. “*É somente através de diálogo franco e aberto que haverá crescimento para ambas as partes com o estabelecimento de limites que, mais do que necessário, são indispensáveis.*” (GUARESCHI e SILVA, 2008, p. 82)

A influência dos agentes socializadores está estreitamente relacionada à idéia que as pessoas têm de mundo, isto, valores, crenças e costumes que são cultivados socialmente. O fator ambiental pode ser considerado como um dos condicionantes do comportamento. “*O ambiente familiar deve essencialmente proporcionar a segurança que juntamente com o carinho e a atividade livre, é uma das necessidades primordiais da criança.*” (BERGE, 1972). Este ambiente deve ser acolhedor, onde se possa compartilhar os problemas e os anseios. Neste ambiente familiar, o sujeito deverá encontrar apóio, compreensão, satisfação para suas necessidades emocionais. O ambiente deve estar preparado de modo que possa contribuir para o equilíbrio das pessoas que moram nele.

O papel dos alunos na escola é participar junto com os educadores, da supervisão e intervenção dos atos de *bullying*. Com isso, as testemunhas se posicionam como contrárias a todo e qualquer tipo de violência independente de quem o pratica. A escola por sua vez, deve respaldar e dar atenção especial aos alunos que tomam essa atitude para que, posteriormente, não venham sofrer rechaços e retaliações, ou até mesmo a se transformarem em alvos de práticas de agressão e violência. (p. 82)

Com isso, cabe salientar que aos alunos autores devem ser dadas condições para que possam desenvolver atitudes mais amigáveis, propícias para um relacionamento mais saudável, evitando atitudes meramente punitivas.

Diante da problemática apresentada nesse contexto é relevante observar que nem toda atitude de violência se caracteriza o *bullying*. A diferença entre uma atitude aceitável e um abuso é, muitas vezes, bastante tênue e merece ser melhor observado e analisado segundo sua constância e gravidade, alerta os autores.

A conscientização dos professores, estudantes e familiares sobre a incidência do *bullying*, perpassam por encontros planejados a priori, que visem conceituar, sensibilizar

e formar grupos com pessoas preparadas para a intervenção em casos de *bullying*. Os alunos elaboram regras de convivência que são discutidas com a equipe pedagógica, promovendo um melhor relacionamento entre todos que compõem o cenário escolar.

Finalizando o capítulo, Guareschi e Silva (2008) ressaltam a importância da sociedade como um todo, buscar alternativas de combate ao *bullying*, com isso, a educação se constitui como principal vetor de veiculação de práticas favoráveis ao *antibullying*.

É necessário que as autoridades e a sociedade em geral estejam atentas à educação, pois é através dela que se constrói uma sociedade sem violência. Os educadores devem educar, também, as emoções de seus alunos e deixar que se expressem, aprendendo a lidar com seus próprios conflitos. É através da educação, da solidariedade e do amor que a paz será implantada nas escolas.

(GUARESCHI e SILVA, 2008).

COMENTÁRIOS FINAIS

Construímos-nos a partir das relações uns com os outros e isto justifica todo o empenho dos autores em querer discutirem essa temática em detalhes e com profundidade. O *bullying* se constitui como um fenômeno marcante na pauta das questões escolares. Cabe salientar que o *bullying* não está presente apenas nas relações entre estudantes, pois o fenômeno *bullying* é caracterizado pelo emprego de determinada força ou dominação e esses aspectos estão presentes na maior parte das relações constituídas no seio escolar. Essas relações de força e dominação são perceptíveis na maioria das práticas escolares. Os pressupostos adotados pela instituição escolar refletem o

estabelecimento de relações de diálogo e libertação, como de autoridade e domínio. A escola se constitui como um terreno propício para disseminação do *bullying*.

Nos dias atuais, a sociedade vem vivenciando momentos caóticos. As agressões físicas, psicológicas, culturais e sociais são constantemente observadas no interior de inúmeras instituições. A família tem sido um cenário de agressividade chocante; os ambientes de trabalho, as praças públicas, os cinemas, os supermercados enfim, não importa o lugar, os comportamentos anti-sociais estão presentes.

Diante disso, a grande interrogação dos educadores é como trabalhar com as crianças que apresentam um comportamento agressivo. Mordidas, beliscões, pontapés são comuns hoje em dia no cenário educacional. Atos agressivos que ocorrem nas escolas entre crianças e que também atingem os adultos que tentam interceder frente a essas situações. A obra “*Bullying* mais sério do que se imagina” de Pedrinho Guareschi e Michele Reis (2008) aponta alguns aspectos que são relevantes no combate à violência manifesta nas instituições escolares. Entender que o *bullying* corresponde a todas as formas de violência, intimidação, relações de

força, é muito mais sério e muito mais amplo do que se imagina. As relações têm um papel fundamental na educação de crianças e jovens. O educador em sua constante formação deverá atentar a relevância das relações travadas no ambiente de sala-de-aula. As práticas pedagógicas adotadas por ele é um vetor que merece ser refletido com muito desvelo, pois, constituem a matéria prima do processo educativo. Essas relações refletem diferentes formas de violência e autoritarismo, sutis, mas muito atuantes, que criam situações de sofrimento e angústia.

O *bullying* é um problema mundial e atinge crianças e jovens de escolas públicas e privadas e envolve a todos que fazem parte do cenário educacional. É uma questão que perdura além da escola. Todos sofrem. Alvos, alvos/autores, autores e testemunhas de *bullying* passam por processos dolorosos. As crianças que sofrem o *bullying*, alvos, dependendo de suas características individuais poderão não superar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos na escola. Poderão crescer com sentimentos negativos e baixa auto-estima, tornando adultos com sérios problemas de relacionamento. Os autores carregam consigo para a vida adulta o mesmo comportamento anti- social, adotando atitudes agressivas no seio familiar e no ambiente de trabalho. As testemunhas se tornam inseguras, tensas e temerosas de que possam vir a se tornar as próximas vítimas.

A busca de sentido para a vida se constitui num referencial perseguido por todos os sujeitos. Os que não encontram significado na vida perdem o gosto de viver e muitas vezes, entram em depressão. A família e a escola como instituições que influenciam maciçamente o comportamento de crianças e jovens, deverão se revestir de conhecimentos e práticas favoráveis ao bom desenvolvimento dos mesmos. A tarefa mais difícil dessas duas instituições é contribuir para que jovens e crianças encontrem significados na vida. Quanto mais ajustadas e harmoniosas forem às relações travadas nesses contextos, mais equilibradas serão as outras relações. Essas relações provocam reações, isto é, são relevantes descargas de

tensão do organismo, pois as emoções são momentos de tensão em um organismo e as reações orgânicas são descargas emocionais. Então, trabalhar com dramatizações onde se permita vir à tona as emoções tais como a ira, tristeza, medo, prazer, amor, entre outros sentimentos e se proponha reflexões a cerca do que for manifesto, pode funcionar como um importante redutor da agressividade. *“As variações irão depender do estado emocional de cada sujeito e da circunstância em que cada um se encontra”*. (GOLLEMAN, 1995, p. 305)

A maioria das pessoas acredita que as emoções são incontroláveis, *“a emoção seria um hóspede incômodo que aparece sem ter sido convidado, ocupa a casa e não é nada discreto”*. (CAMERON-BLANDE, L.& LEBEAU, M., 1993, p. 13). Os sentimentos provocam reações adversas. A subjetividade aflora diante das circunstâncias vivenciadas pelos indivíduos e interfere na forma pela qual superam as intempéries da vida.

O Tema Reflexões sobre *“Bullying: Mais sério do que se imagina”* enfoca a família e a escola como os alvos principais dos autores do *bullying*, pois se constituem como os principais espaços que originam as inúmeras práticas violentas uma vez que são as principais referências de modelos de relações. Enquanto instituições educativas podem contribuir para amenizar os transtornos causados nas relações interpessoais. Portanto, é preciso estar atentos as relações cotidianas e ter a coragem de transformá-las sempre que se perceber o reflexo de desigualdade ou mesmo de dominação. A manutenção de relações conflituosas traz conseqüências trágicas e a contínua vigilância na qualidade dessas relações é uma premissa necessária para a construção de uma sociedade altruísta, justa e solidária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. Escola e Violência. Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAPIA. Programa de Redução do Comportamento Agressivo de Estudantes. Disponível em: <[HTTP://WWW.bullying.com.br](http://WWW.bullying.com.br)> Acesso em: 15 junho 2009.

BEAUDOIN, M., Taylor, M. Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRANDÃO, Marcus Lira. Psicofisiologia. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.

CAMERON, BLANDE, L.& LEBEAU, M. Refém Emocional: Resgate sua Vida Afetiva. São Paulo: Editora Summus, 1993.

CHARLOT, Bernard; ÉMIN, Jean-Claude (coords.). Violences à lécole état des saviors. Paris: Masson & Armand Colin Éditeurs, 1997.

CONSTRUIRNOTÍCIAS. O Fenômeno Bullying nas Relações Interpessoais. Nº 40, maio/junho 2008. Circulação Nacional.

CURRÍCULO VIVO – A VIOLÊNCIA DO BULLYING. Revista Pátio, ano IX, nº 34, maio/julho 2005, ISSN 1518-305X, Porto Alegre: Artmed.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. Violência nas Escolas e Políticas Públicas. Brasília: UNESCO, 2002.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Ed. Verus, 2005.

FONTANA, Roseli. A Mediação Pedagógica na sala de aula. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.

FREIRE, P. Palavra ação. Mundo Jovem, Porto Alegre, v. 20, n. 150, p. 20, out. 1982.

GOLEMAN, D. Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

GLOBO. Rio de Janeiro: (2007) Disponível em: <[HTTP://fantastico.globo.com](http://fantastico.globo.com)> Acesso em: 20 set 2008.

GUARESCHI, SILVA, Michele R. & Outros. Bullying Mais Sério do que se Imagina. Porto Alegre: Editora ediPUCRS, 2008.

GUIMARAES, L. A. M.; RIMOLI, A. O. “Mobbing” (assédio psicológico) no trabalho: uma síndrome psicossocial multidimensional. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 22, n. 2, 2006.

MARIA, C. Psicologia Científica Geral. Rio de Janeiro. Editora Agir, 1972.

MORRIS, D. O Animal Humano, Lisboa: Gradiva, 1994.

MURRAY, E. Motivação e Emoção. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1971.

NETO, A. A. L., Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. v. 81, n. 5 (Supl), 2005.

VIOLÊNCIA É ASSUNTO DA ESCOLA, SIM! *Revista Nova Escola*, ano XXI, nº 197, Nov. 2006.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. As Origens do Caráter na Criança. São Paulo: Difel 1971.